

PORTALEGRE DO SEMIÁRIDO: UM ENFOQUE SOBRE SUA FORMAÇÃO TERRITORIAL DE VILA E CIDADE

Arthur Oliveira Silva ¹
Adriana Maria do Nascimento Anchieta ²
Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros ³

RESUMO

A cidade de Portalegre localizada no Rio Grande do Norte, na região do “Alto Oeste Potiguar”, possui um importante valor histórico-cultural por ser uma das primeiras vilas do estado. Este trabalho estabelece elementos de análise da fundação da Vila e da cidade de Portalegre, bem como, debruça-se sobre a formação do sistema de vias de articulação territorial do município. O desenvolvimento metodológico consiste no levantamento de fontes secundárias, de ordem bibliográfica, como artigos científicos e trabalhos acadêmicos referentes ao tema, bem como, alguns documentos primários referentes à história da cidade. O recorte temporal abordado vai desde a criação do primeiro assentamento, com a chegada dos descendentes portugueses ao aldeamento indígena na segunda metade do século XVIII, até início do século XX, com o início dos levantamentos da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IOCS). A pesquisa apresenta como resultado elementos relacionados ao processo de formação territorial da vila e, posteriormente, cidade vinculando tais formas urbanas às suas principais vias de acesso decorrentes da colonização dos ciclos agrícolas e pecuaristas na região.

Palavras-chave: Formação, Território, Estradas, Portalegre.

INTRODUÇÃO

O município de Portalegre está localizado no Rio Grande do Norte, na região do “Alto Oeste Potiguar”, próximo da divisa do estado com a Paraíba e com o Ceará, mais precisamente no Polo Serrano potiguar. Possui área territorial de 110 km². Sua importância é imprescindível para o entendimento de como surgiram os primeiros assentamentos a partir dos “caminhos de boi”, que posteriormente vieram a se tornar as vias de articulações intermunicipais existentes. Historicamente, a região onde o município de Portalegre se localiza mescla influências dos nativos da terra, os índios Tapuias Paiacu, os portugueses e a expansão dos currais de gado. Costumeiramente, chamavam-se os Tapuias aqueles que habitavam o interior (abrangendo

¹ Graduando do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Rural do Semiárido- UFRSA, arthur.aladiahl@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Rural do Semiárido - UFRSA, adrianaanchietar@hotmail.com;

³ Doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA, gabriel.leopoldino@ufersa.edu.br,

desde a margem oeste do Rio São Francisco, na Bahia, até os sertões de vários estados nordestinos). Eram compostos por diversas tribos, tais como: os Javó, Paiacu, Jenipapo, Canindé, Sucuru, Pega, Panati, Caratiú⁴.

Foi descoberta pelo paraibano Manoel Nogueira Ferreira⁵ nas primeiras décadas do século XVIII, adepto à procura de um local tranquilo, longe do “prejuízo” que os índios Paiacus vinham causando nas terras limítrofes. Deslumbrado pela riqueza de água existente, Manoel Nogueira prontamente instalou seus currais de gado no local. Como forma de alcance à posse simbólica, implantou dormentes de madeira delimitando uma faixa de terra, que mais tarde fora intitulada como Serra dos Dormentes, em seguida Serra de Sant’Ana e, posteriormente, Serra do Regente. Esses aspectos são comentados pelo pesquisador José Jácome Barreto, em seu livro “Portalegre: História e Contemporaneidade”, editado com o apoio da Prefeitura de Portalegre.

A fundação da Vila de Portalegre aconteceu apenas no ano de 1761, sob a autoridade do Juiz Miguel Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco. Por influência de seus antepassados e da toponímia portuguesa, transplantada para grande número de cidades brasileiras, se homenageia a cidade alentejana⁶ de Portalegre de Portugal. Nesse mesmo contexto, no ano de 1765 após as Visitas Pastorais e sob ordem do primeiro Vigário da nova Freguesia, foi solicitada em nome da comunidade a autorização para construção da nova igreja matriz.

Como em quase todas as cidades coloniais, a igreja católica exerceu uma grande influência na arquitetura e organização da formação das áreas urbanas. Teixeira (2009) comenta que o projeto inicial indicava uma clara hierarquia do espaço urbano, com as principais edificações situadas na praça, como as casas de Câmara e Cadeia e as residências da elite, todas localizadas próximas à Igreja.

Apesar de certa produção historiográfica sobre a cidade de Portalegre, entende-se que os estudos acadêmicos voltados para seu contexto de formação e desenvolvimento urbanos encontram-se ainda em vias de articulação. Além disso, a quantidade de trabalhos produzidos é muito inferior ao existente em relação a outros municípios mais populosos e mais dinâmicos

⁴ Cf. JÚNIOR, Valdeci dos Santos. Os Índios Tapuias do Rio Grande do Norte. 1. Ed. Mossoró: Editora da UERN, 2008, 28 p.

⁵ Descendente de Portugueses, nascido em 05 de maio 1655 na cidade de João Pessoa na Paraíba. Foi um dos primeiros desbravadores da região oeste do Rio Grande do Norte, penetrando pelo sul da província, para implantar os fundamentos iniciais da economia agrícola e pastoril. Abrindo estradas, plantando, criando gado, construindo e implantando as primeiras vias de comunicação.

⁶ Alentejo é uma região do centro-sul de Portugal. Compreende integralmente os distritos de Portalegre, Évora e Beja e a metade sul do distrito de Setúbal e parte do distrito de Santarém, sendo assim a maior região de Portugal em termos de área.

economicamente, como Natal, Mossoró, Caicó, Ceará-Mirim e Assú.

Dessa forma, este trabalho intenciona contribuir aos avanços dos estudos historiográficos analisando as condições de fundação da vila e cidade de Portalegre e os primeiros agenciamentos territoriais deste núcleo com outros da região. Faz parte do projeto de pesquisa “Formação de redes urbanas no Oeste Potiguar: caminhos, desenvolvimento urbano e arquitetura (1756–1950)”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos “História da Arquitetura e do Urbano no Sertão” (HAUS), ao qual os autores são vinculados. Este projeto objetiva estudar a formação das redes urbanas no Oeste Potiguar – e a arquitetura resultante do processo – sob uma perspectiva inicial da fundação de seus primeiros núcleos de povoação.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa sobre a evolução territorial da vila e cidade de Portalegre- RN, fundada em 1761, aprofundamos nossos estudos sobre sua formação em um recorte temporal da metade do século XVIII até fins do século XIX, período correspondente ao período Colonial (1500- 1822) e Imperial (1822- 1889).

Realizamos pesquisas empíricas sobre a cidade, bem com teórico-metodológicas. Partiu-se da análise de fontes secundárias bibliográficas como: Dias (2010), cujo livro, resultante de sua dissertação de mestrado, intitula-se “Portalegre do Brasil História e Desenvolvimento”; Barreto (1989), com a obra “Portalegre: Origem e Contemporaneidade” que discorre sobre a historiografia municipalista do Rio Grande do Norte, bem como, alguns documentos de época disponíveis.

A pesquisa se encontra em fase inicial de desenvolvimento, por isso ainda a carência de fontes primárias que serão posteriormente levantadas. Entretanto, buscou-se realizar um estado da arte dos trabalhos acadêmicos que foram produzidos sobre essa problemática, objetivando unificar as informações e direcionar o enfoque para a questão da articulação territorial e de construção das primeiras vias de comunicação.

Nesse contexto, de análise do processo de ocupação das terras de Portalegre, é importante frisar alguns aspectos conceituais. Parte-se do entendimento de que o território não é apenas um espaço neutro, mas sim o resultado das interações entre o suporte físico e as ações que são exercidas sobre ele. Milton Santos (1994), acrescenta a ideia de poder, elemento caracterizante do território e corolário da ocupação humana ao longo do tempo. Segundo Santos

“o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (SANTOS, 1994, p. 16).

RESULTADOS E DISCUSSÃO: OCUPAÇÃO TERRITORIAL DA VILA E CIDADE DE PORTALEGRE

Portalegre foi uma das primeiras vilas da capitania do Rio Grande, importante elemento no processo de colonização portuguesa no território hoje estadual. No final do século XVII cinco missões de aldeamento indígena haviam sido implantadas na capitania, pertencentes a diferentes ordens religiosas. A Missão do Apodi, foi a primeira e única a se estabelecer no sertão, diferentemente das outras que se instalaram no litoral.

Era composta, principalmente, por índios Paiacu e foi fundada em 1700 pelos jesuítas, em meio às lutas que se travavam entre os conquistadores portugueses e os aguerridos indígenas do sertão, que resistiam à tomada de suas terras e à sua escravização pelos brancos, lutas essas denominadas Guerra dos Bárbaros⁷ pelos colonizadores.

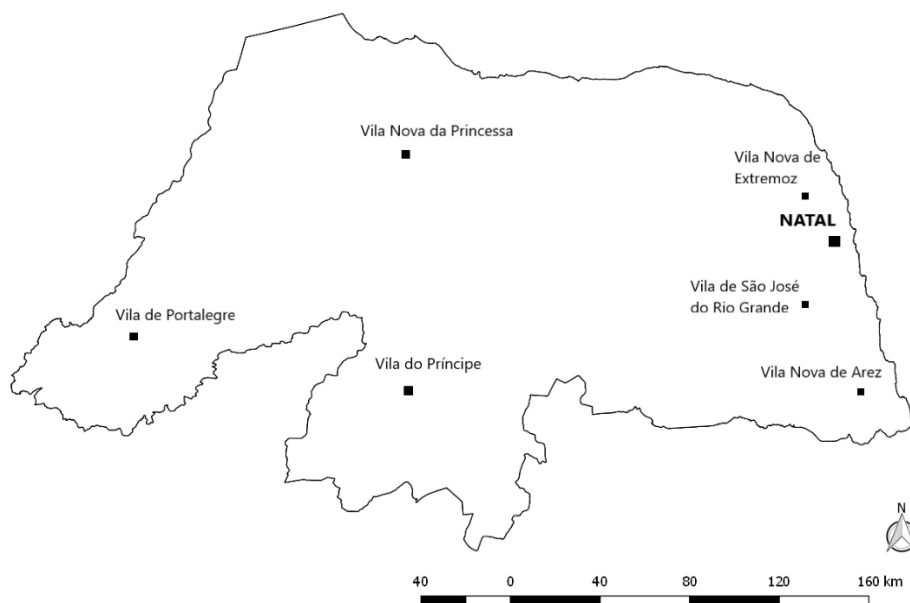
As seis primeiras vilas da capitania foram criadas no século XVIII, mais especificamente na década de 1760. Dessas seis vilas, quatro haviam sido missões de aldeamento indígena e se localizavam no litoral leste da capitania. As outras duas, a Vila de Portalegre, criada em 1761, e a Vila Nova da Princesa, atual cidade do Assú, criada em 1766, foram as únicas vilas existentes no sertão até o ano de 1788, quando foi fundada a Vila do Príncipe, atual cidade de Caicó. Mais de um século depois, em 1822, ano da Independência do Brasil, essas três vilas ainda eram as únicas existentes no sertão.

A ocupação territorial de Portalegre, que foi a terceira a ser instalada no Rio Grande do Norte, teve sua origem no ciclo do gado e da agricultura, características típicas dos demais municípios do oeste potiguar como também da região do Nordeste brasileiro. Esse processo foi marcado pela inserção das primeiras fazendas de gado e currais para rebanhos no sertão.

⁷ Foram os conflitos envolvendo os colonizadores e os povos nativos conhecidos como Tapuias no território que corresponde atualmente aos sertões nordestinos, da Bahia até o Maranhão (1650 e 1720). Segundo Puntoni (1999, p. 196) a “Guerra dos Bárbaros mais se aproximou de uma série heterogênea de conflitos entre índios e luso-brasileiros do que de um movimento unificado de resistência. Resultado de diversas situações criadas ao longo da segunda metade do século XVII, com o avanço da fronteira da pecuária e a necessidade de conquistar e “limpar” as terras para a criação de gado, esta série de conflitos envolveu vários grupos e sociedades indígenas contra moradores, soldados, missionários e agentes da coroa portuguesa”.

Figura 1 – Localização das Vilas no território do Rio Grande do Norte

Vilas do Rio Grande do Norte



Fonte: Autores

Manoel Nogueira Ferreira foi um dos primeiros desbravadores desse território, hoje conhecido como região Oeste do estado. Ele chegou ao rio Assú e Apodi na década de 1670. Os rios serviam de importante ponto para a fixação, uma vez que ofertavam os meios para subsistência. No processo de desbravamento dos sertões, logo chegaram às terras portalegrenses.

Quando as terras foram descobertas e ocupadas pelo paraibano Nogueira e sua família, estas já eram habitadas pelos indígenas. Após a inserção de outros povos, houve um período de lutas, resistências, perseguições e mortes. Apesar de que, de acordo com Lopes (2003, p. 267): “Ao que tudo indica, a relação entre esses colonos recém-chegados e os índios tapuias, não foram de inimizades”. Essa conjuntura se modificaria com o aumento das atividades coloniais e ocupação das terras

Cronologicamente, Manoel Nogueira Ferreira construiu, no ano de 1680, os primeiros currais de gado na região, às margens da lagoa do Itaú. Em 1706, os índios Paiacus atacaram e depredaram as fazendas de gado. Procurando fugir de tal ambiente, Ferreira sobe a Serra dos Cabeças do Pody (Portalegre), na busca por um lugar tranquilo que pudesse fixar território para estabelecer a cultura do plantio e da criação do gado.

Anos depois chegou a receber a posse das terras ocupadas, porém não recebeu a documentação, falecendo no ano de 1715. Sua filha, Margarida de Freitas, anos depois se casou

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

com o português Carlos Vidal Borromeu, importante personagem na colonização de Portalegre e que juntamente com seu irmão Clemente Gomes d'Amorim foram os legítimos fundadores da cidade, ocupando o território no ano de 1730. Com a expulsão daquela vila dos índios Mouxorós e Pegas, em 1740, no ano de 1747 os irmãos obtiveram do governo a permissão de ocupação da terra na Serra dos Dormentes (Portalegre).

Em 1752, a esposa de Carlos Vidal teria ficado doente e feito uma promessa para recuperação de sua saúde, que seria a doação de terras para a construção de uma igreja que teria como padroeira Nossa Senhora de Santana. Em 1761 a igreja foi reconstruída, no mesmo local onde Margarida de Freitas teria levantado uma capela. No dia 08 de dezembro desse mesmo ano foi assentada a vila na serra de Sant'Anna, denominada Portalegre.

1.1 Origem do nome da cidade em duas versões e os ataques indígenas

A origem do nome Portalegre apresenta duas versões diferentes. De acordo com Barreto (1989, p. 20), o explorador Castelo Branco ao ver o admirável panorama que o topo da Serra proporcionava ao visitante teria dito: “É uma porta alegre!”. Dando continuidade à sua explanação, o autor suscita uma segunda hipótese:

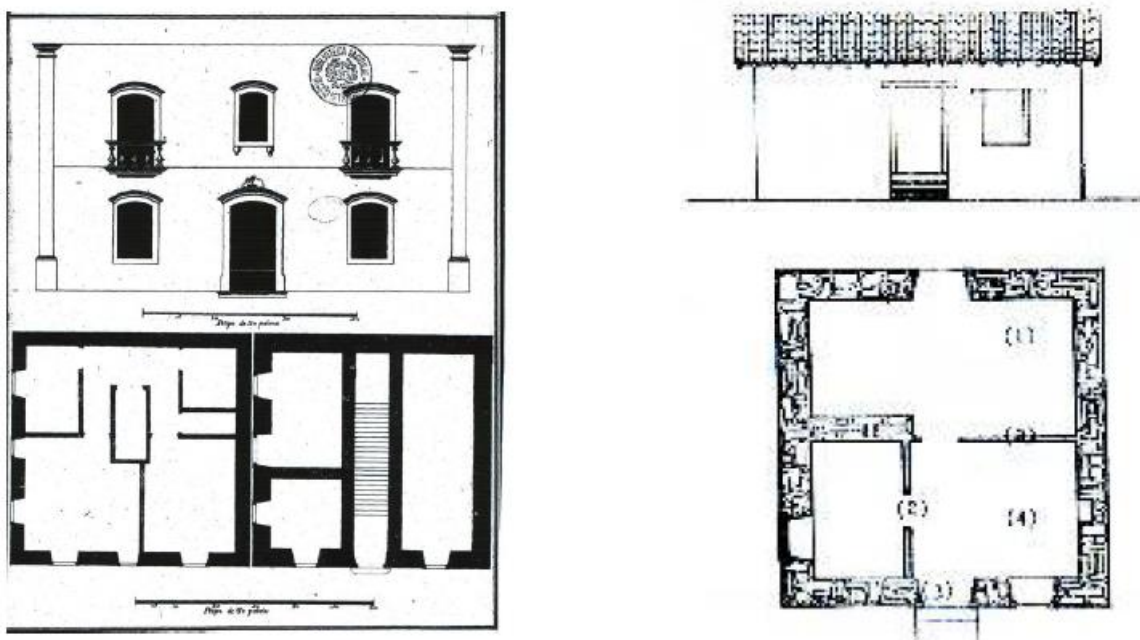
A segunda, que nos parece mais aceitável e merecedora da fé e credibilidade, confirmada através da opinião de ilustres historiadores potiguares têm origem na forte e costumeira influência da toponímia Portuguesa transplantada para grande número de localidades brasileiras. No caso de Portalegre, teria sido uma homenagem do Juiz Castelo Branco à cidade alentejana de Portalegre onde seus antepassados tiveram grande vinculação e tradição genealógica. Também os aspectos geográficos da região onde se localiza a cidade portuguesa de igual nome, se assemelham em muitos pormenores [...] (BARRETO, 1989, p.20).

A cidade de Portalegre fica em cima de uma serra fértil e bastante exuberante, com várias fontes e bicas, uma vegetação frutífera e clima ameno e saudável, diferentemente do clima quente e seco das planícies sertanejas da região semiárida. Além de uma hidrografia rica, o que lembraria Portalegre de Portugal. Segundo Dias (2010, p. 50):

[...] se verifica a criação da Vila a partir de sua praça principal onde se localizaram a Igreja, a Casa de Câmara e o Pelourinho, e a partir da qual se estabeleceram as casas nucleares de habitação dos índios e colonos.

Na descrição da demarcação das terras do termo da Vila estão especificadas as medidas que foram seguidas pelo Juiz de Fora Castelo Branco para a construção das moradias das outras Vilas: 30/40 palmos de frente por 60 de comprimento, além dos cem de quintal, conforme arranjo semelhante ao praticado nas casas coloniais.

Figura 2 - Planta Baixa da Casa de Câmara e Cadeia da Vila de Portalegre – 1762; Exemplo de planta de casa colonial modesta.



Fonte: Lopes (2005)

A vila de Portalegre era composta principalmente pela tribo dos índios Paiacu e Pega, que tempos depois foram perseguidos e mortos e habitavam a mata da bica, lugar de fácil esconderijo e difícil acesso aos outros povos que o procuravam para matá-los. A transferência dos índios para a Vila de Portalegre aconteceu de maneira efetiva a partir do ano 1763, formando assim uma população considerável para a vila recém-criada (DIAS, 2010, p. 50):

Nesse momento (1763), na Vila de Portalegre passou a existir uma população indígena composta de 1805 pessoas, sendo 280 casais, 134 meninos em idade de ir a escola, 18 rapazes para aprender ofícios, 142 meninas para estudar com a Mestra, 572 jovens solteiros, 10 Companhias de Milícias com 551 Praças. Era uma população bastante elevada se compararmos esses 280 casais com as 438 famílias que viviam na próxima Serra de Martins ou mesmo, com os 319 que haviam em Extremoz e 284 em Arez, que já estavam habitando o local havia tempos. Esta concentração populacional repentina, causada pelas transferências de diversos grupos para atender aos interesses dos colonos e da colonização em si, trouxe dificuldades para obtenção de alimentos para a

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

população indígena, no entanto, para o Governador de Pernambuco essas dificuldades eram “normais”, pois também aconteciam nos primeiros tempos das outras Vilas estabelecidas”.

As raízes de ocupação indígena do assentamento refletem até os dias atuais na repetição de fábulas e histórias ainda abordadas, resultando em um dos pilares culturais na cidade de Portalegre. A mais relevante, trata de duas índias, Cantofa e sua neta Jandir, que foram perseguidas pelos colonizadores da Vila, segundo esse relato, Cantofa foi assassinada e sua neta se perdeu na mata, onde não conseguiram encontrá-la.

Figura 2 – Praça memorial: Cantofa e Jandir



Fonte: Autores

DESENVOLVIMENTO: FORMAÇÃO TERRITORIAL

O processo de formação das primeiras vias de articulação na cidade de Portalegre se deu a partir do início do século XIX, com desenvolvimento da produção e comércio. Portalegre desenvolve-se de forma orgânica com seu próprio sistema de vias de articulação territorial. A vila enfrentava dificuldades de transporte impostas pelas condições naturais: as tropas de animais, que conduziam as cargas, tinham que subir e descer a serra, a mais de 700 m de altitude, por caminhos de difícil trânsito, especialmente no período das chuvas.

Na época da colonização, a área da cidade se estendia de norte a sul entre as ribeiras do Apodi fazendo fronteira com a Paraíba. De leste a oeste, apresentava como limites as ribeiras de Campo Grande e Apanha Peixe – onde hoje é a cidade de Tabuleiro Grande, no RN – até as

fronteiras do Ceará e da ribeira de Jaguaribana, que se estendia até o fim dos limites das Capitânicas com o Ceará e Paraíba.

Inicialmente, a vila possuía estradas que a ligavam às redes urbanas dos territórios de outras províncias vizinhas do Nordeste (Paraíba e Ceará). As redes existentes entre a vila de Portalegre e os demais assentamentos da região serviam como pontos de troca e venda de animais, bem como os produtos produzidos. Entre os séculos XVIII e XIX ocorreu também o cultivo da cana de açúcar na região, o que também dinamizava os negócios dessa região nordestina.

A análise do mapa resultante do levantamento realizado pela Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IOCS) em 1910, sob direção dos engenheiros Horace E. Williams e Roderic Crandall, demonstra que não existiam estradas entre Portalegre e outros municípios, mas apenas um caminhar que circundava a serra de Portalegre, o que demonstrava que seu acesso era bem arcaico no início do século XX. Esse foi um dos principais fatores para que Portalegre não se desenvolvesse tanto quanto as demais Vilas do estado. Por consequência disso, a cidade perdeu muita influência socioeconômica, ocasionando a emancipação de vários municípios de seu território, além de perder a primazia econômica em virtude do desenvolvimento de outros núcleos de povoamentos, que eram estrategicamente mais bem situados nas vias de articulações dos caminhos de boi, como é o caso de Pau dos Ferros – RN, cidade vizinha e cujo território foi desmembrado de Portalegre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vila de Portalegre foi fundada no ano de 1761. Seu desenvolvimento se deu a partir da chegada dos primeiros colonizadores à serra. Devido à exuberância de sua paisagem natural, eles se fixaram nas terras e retiravam sua subsistência do ciclo da criação de gado, que foi de grande importância para o desenvolvimento urbano.

No século XVIII, a vila não possuía estradas que a interligavam a outras vilas, o que caracterizava uma situação de isolamento. Mesmo assim, as terras foram transformadas em assentamentos habitados por colonizadores portugueses e tribos indígenas. Não somente os portugueses foram agentes dessa ocupação territorial, mas também os índios fizeram parte do processo de ocupação das terras portalegrenses.

O desenvolvimento urbano e territorial ao longo dos tempos possibilitou o seu crescimento e conseqüentemente fez com que esta vila se transformasse em cidade. Portalegre

consistiu o primeiro assentamento, início do processo de ocupação da região do Alto Oeste Potiguar. Praticamente, toda a extensão territorial dessa região – que é de 4.045,95 km² – correspondia ao território da vila. No entanto, as condições naturais do terreno, entre outras adversidades, bem como o desenvolvimento econômico da província, ocasionaram o desmembramento contínuo de municípios do território portalegrense, que conta hoje com uma área territorial de 110 km². Apesar disso, foi uma das primeiras vilas do estado do Rio Grande do Norte e com isso clama seu imprescindível valor histórico-cultural, que sofre na escassez em estudos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

BARRETO, José Jacome. *Portalegre, origem e contemporaneidade*. Portalegre: PMP, [s.d.].

BNRJ – I-12, 3, 35, fl.136, Carta do Governador de Pernambuco ao Juiz de Fora Miguel Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco, 8/11/1761.

CAVALCANTE, Maria Bernadete. DIAS, Thiago Alves. *Portalegre do Brasil: história e desenvolvimento: 250 anos de fundação de Portalegre*. Natal, RN: EDUFRN, 2010. 126 p.

CÔRREA, Roberto Lobato. *A Rede Urbana*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

LOPES, F. M. *Índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte*, p. 133.

LOPES, Fátima Martins. *Em nome da liberdade*. p. 138.

JÚNIOR, Valdeci dos Santos. *Os Índios Tapuias Do Rio Grande Do Norte*. 1. Ed. Mossoró: Editora da UERN, 2008, 28 p.

PUNTONI, Pedro. *A Arte da Guerra no Brasil: tecnologia e estratégia militar na expansão da fronteira da América Portuguesa, 1550-1700*. *Novos Estudos*, n. 53, p. 189-204, mar. 1999

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. *Da cidade de deus à cidade dos homens: a secularização do uso, da forma e da função urbana*. 1. ed. Natal: Editora da UFRN - EDUFRN, 2009, 582 p.



SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.).
Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Editora Hucitec/ANPUR, 1994.